



COMO A SOLIDÃO DA MULHER PRETA É REPRESENTADA NA FICÇÃO SERIADA *INSECURE*

Dyone Arruda Cypriano¹

Gabriela Santos Alves²

RESUMO:

O objetivo deste artigo é analisar a solidão da mulher preta na ficção seriada *Insecure* em sua primeira temporada (lançada em 2016), tanto das protagonistas Issa Dee interpretada por Issa Rae e Molly Carter interpretada por Yvonne Orji quanto das coadjuvantes Kelli (Natasha Rothwell) e Tiffany DuBois (Amanda Diva) analisando as ações dramáticas e o território onde o silenciamento e a solidão acontecem nos episódios ou no arco da temporada e em como isso é inserido na trilha musical cantada por elas. O quadro teórico base desta pesquisa é a vertente do feminismo negro nas correntes contemporâneas, norte-americana e brasileira, e a metodologia utilizada consiste em análise fílmica-sonora.

Palavras-chaves: Mulher negra, solidão, *Insecure*; trilha musical; feminismo negro.

INTRODUÇÃO

Na sociedade que vivemos, entendemos que supremacia branca tem seus privilégios, tem o patriarcado e que isso pode acarretar outras camadas de machismos, de discriminações, de misoginia, de racismo entre outros. A mulher se vê sendo sempre rebaixada perante o homem, de acordo com Ribeiro (2019) “[...] a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem.”, presenciando essa desigualdade entre gêneros o feminismo surgiu para reivindicar o direito das mulheres.

Entretanto, esses direitos foram reivindicados a mulheres brancas, deixando os direitos das mulheres pretas de lado, mesmo a população preta reivindicando seus direitos perante a sociedade (contra o racismo, machismo, sexismo) veio à tona a solidão da mulher preta que se tornou algo estrutural, algo banalizado tanto no cotidiano e quanto no audiovisual. Ribeiro (2018) aponta que “[...] a teoria feminista também acaba incorporando isso e estruturando o

¹ Mestranda do curso de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, bolsista da Fapes Procap, E-mail: dyocypriano@gmail.com.

² Coordenadora e professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades e também professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Pós-doutora em Comunicação e Cultura (Eco/UFRJ). Áreas de interesse acadêmico: cultura audiovisual, teoria feminista, cinema, gênero e memória. E-mail: gabriela.alves@ufes.br



discurso das mulheres brancas como dominante. [...] A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que ela não tenha seus problemas nem ao menos nomeados”.

O protagonismo de mulheres negras que cresceu em seriados americanos através dos encontros contra o racismo, sexismo, misoginia e através dos movimentos sociais que exigiram direitos e lutaram para que exista uma representatividade, um espaço para essas mulheres e um dos resultados do feminismo negro é um lugar de fala, um lugar de visibilidade, um lugar de existência de mulheres pretas no audiovisual.

A metodologia utilizada neste artigo é a análise fílmica da primeira temporada de *Insecure* (2016) com ênfase no protagonismo feminino negro e na solidão ou silenciamento sofrido pela mulher negra. Além de ter como *corpus* a ficção seriada *Insecure*, foi levantado artigos de revistas e livros que falasse sobre a solidão da mulher negra escrito por, majoritariamente, mulheres.

Nesse cenário a série americana *Insecure* é protagonizada por quatro mulheres negras, afro-americanas, que possuem empregos diferentes, são amigas que compartilham uma com a outra situações do dia a dia, desde conflitos em seus empregos, silenciamentos e inseguranças até ao desejo do relacionamento.

Figura 1 – Protagonistas e coadjuvantes.



Fonte: imagem retirada da ficção seriada *Insecure*.

Esse seriado americano tem o estilo voltado para comédia com vínculo com o cotidiano para fora da tela para o público adulto e preto, porém, mostra um território de como essas mulheres sofrem com o silenciamento, com a solidão de estar solteira ou a solidão de estar em relacionamento em que não é amada, não tem atenção e não valorizada.



COMO A MULHER PRETA É ABORDADA NO AUDIOVISUAL?

A solidão da mulher preta é um objeto complexo, que também tem desafios que são enfrentados todos os dias. Essa luta constante é contra discriminações, racismo, sexismo, solidão emocional, autoestima entre outros fatores. Assim, essas reflexões étnico sociais, de gênero e raça são demonstradas em *Insecure*. Portanto, foram selecionados os dramas principais abordados durante a primeira temporada sobre essa solidão, que são:

- Mulheres negras sendo julgadas pela sua aparência, desde o corte do cabelo ao tipo de roupa utilizada;
- As protagonistas e coadjuvantes tem a vida independente de seus relacionamentos, mas se sentem solitárias.
- Geralmente são as únicas mulheres negras em sua área de trabalho. De acordo com Flor (2019), a análise feita por Lélia Gonzalez em uma entrevista para o documentário “As Divas Negras do Cinema Brasileiro”, em 1989, fala exatamente desse ato “Para a mulher negra, o lugar que lhe é reservado é o menor. O lugar da marginalização. O lugar do menor salário. O lugar do desrespeito em relação a sua capacidade profissional”.

Já um dos estilos de músicas inseridas ou cantadas pelas personagens, é o *rap*, por exemplo, um estilo escolhido que dá valor ao som das palavras, dá valor a mensagem, pois é uma forma de protesto também, dando um lugar de fala e esse estilo musical interage com esse silenciamento ou solidão presenciado pela mulher negra.

O rap fornece uma voz pública para jovens negros que geralmente são silenciados e ignorados. Ele surge nas ruas — fora do confinamento de uma domesticidade moldada e influenciada pela pobreza, fora dos espaços enclausurados onde os corpos dos jovens homens negros precisam ser contidos e controlados (HOOKS, 2019, p. 75).

Após criar essa atmosfera, através das inserções de músicas, conseguimos entender as inter-relações entre a imagem e a música junto com esse território de silêncio que essas mulheres são colocadas, conseguimos nos conectar a dramaticidade abordada.

BREVES APONTAMENTOS DA FICÇÃO SERIADA *INSECURE*

Ao entendermos que uma mulher negra sofre com a solidão, que vem através do racismo estruturado, do machismo e da misoginia, a única forma desse silenciamento ser externado ou lidado é quando as quatro personagens mantêm um contato mesmo após o período da faculdade.



Na primeira temporada, o drama surge a partir de dúvidas sobre relacionamentos das protagonistas, problemas no trabalho e o silenciamento de Issa e Molly e das coadjuvantes Kelli e Tiffany e como a trilha musical também contextualiza som esse silêncio sobre elas.

A teoria feminista do cinema baseada numa moldura psicanalítica a-histórica que privilegia a diferença sexual suprime ativamente o reconhecimento da raça, reencenando e espelhando o apagamento da feminilidade negra realizado pelos filmes, silenciando qualquer discussão sobre a diferença racial — a diferença sexual racial. Apesar das intervenções críticas feministas mirarem na desconstrução da categoria “mulher” que destaca a importância da raça, muitas críticas de cinema feministas continuam a estruturar seus discursos como se falassem pelas “mulheres”, quando na verdade falam apenas pelas mulheres brancas (HOOKS, 2019, p. 192).

De modo geral, ao dar lugar a *corpus* negros em uma ficção seriada já é um resultado das críticas do feminismo negro ao audiovisual trazendo essa representatividade nessas áreas e colocando em pauta que a mulher negra faz parte dessa sociedade tem que ser notada. Para dar um exemplo³ referente a imagem e som⁴ que especificam essa solidão vivenciada pela mulher preta.

Música⁵: *Where did i go? Jorja Smith*⁶ - minutagem: 20' 17'' - 21' 02''

Quadro 1 - letra e tradução

<i>Maybe this fate was overdue.</i>	Talvez este destino estivesse atrasado.
<i>Baby it's late and I'm confused.</i>	Baby está tarde e estou confusa.
<i>Where did I go?</i>	Onde eu fui?
<i>When did the sun rise?</i>	Quando o sol nasceu?
<i>How did I fall?</i>	Como eu caí?
<i>Got lost in the moonlight...</i>	Me perdi no luar...
<i>Where did I go?</i>	Onde eu fui?
<i>When did I realize,</i>	Quando eu percebi,
<i>My love was on hold?</i>	Meu amor estava em espera?
<i>So now this is goodbye</i>	Então agora isso é um adeus
<i>Good, goodbye.</i>	Bom, adeus
<i>Goodbye.</i>	Adeus

Fonte: *Insecure* primeira temporada (2016).

Figura 2 – Molly sozinha

³ A análise da pesquisa é somente para as temáticas/dramas das mulheres negras e músicas cantadas ou inseridas que possuam a voz de mulheres, ou seja dramas em personagens masculinos não foram analisadas.

⁴ A letra da música será colocada no lado esquerdo e a tradução no lado direito.

⁵ Música do episódio 5 da primeira temporada de *Insecure*. Link disponível no YouTube referente essa minutagem: < <https://www.youtube.com/watch?v=DjHN8UykesE>>.

⁶ Cantora negra, música do álbum *Lost & Found*, 2018.



Fonte: *Insecure* primeira temporada (2016).

A trilha narra o momento que Molly percebe que está perdida na busca por um relacionamento saudável. Essa busca se torna desgastante, pois já usou várias táticas, como: usar aplicativos de encontros, ir em encontros onde o local é extremamente elegante, se vestir de maneira mais formal, chamar algum pretendente em evento pessoal para mostrar que está acompanhada que não está sozinha, pois ela é indagada a todo momento se está em um relacionamento.

No primeiro frame, mostra ela sozinha, havendo várias cadeiras vazias próximas a ela, e no segundo frame há um foco no perfil dela bebendo, mas o outro lado da sala está cheio e, bem no meio, há um casal de noivos felizes. Essas duas imagens demonstram o tipo de solidão que a música indaga sem o personagem precisar falar.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As inclusões de músicas possibilitam a visibilidade das situações vivenciadas pelas mulheres negra, como: a solidão em um relacionamento, o esforço constante para manter o emprego, ser a única a manter a casa, a constante sensação de que é necessário provar a própria capacidade etc.

As experiências desse grupo localizados socialmente de formas hierarquizadas e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizados, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organização políticas, culturais e intelectuais. A questão é que essas condições sociais dificultam a visibilidade e a legitimidade dessas produções (Ribeiro, 2019, p. 63).

Não havendo representatividade, em qualquer área é uma forma de silenciamento. Infelizmente para as afrodescendentes conseguir algo na sua vida têm que se esforçar muito mais que homens e mulheres brancas, pois não possuem privilégios e são questionadas constantemente sobre suas decisões.

Por esse motivo, séries como *Insecure* são tão importantes, pois trazem temáticas da vivência de uma mulher negra periférica, para mostrar que o silenciamento pode ser combatido e externalizado pelo audiovisual, podendo trazer esse lugar de pertencimento, lugar de fala onde mulheres negras não estão sozinhas em sociedade e podem estar em um lugar de igualdade e equidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo (SP): Pólen, 2019.

ARRUDA, Jessica. Black Lives Matter: entenda movimento por trás da hashtag que mobiliza atos. **UOL**, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/03/black-lives-matter-conheca-o-movimento-fundado-por-tres-mulheres.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BERCHMANS, Tony. **A música do filme: tudo o que você gostaria de saber sobre a música de cinema**. São Paulo (SP): Escrituras Editora, 2012.



CARREIRO, Rodrigo; OPOLSKI, Débora; SOUZA, João Baptista Godoy de. **O som do filme**. 1ª edição. Pernambuco (PE): Editora UFPE e Editora UFPR, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Nova Iorque (EUA), Random House, 1981: Boitempo, 2016.

FLOR, Katarine. Racismo e machismo mantêm mulheres negras no grupo de menores salários do país. **Brasil de fato**, 2019. Disponível em:<
<https://www.brasildefato.com.br/2019/11/19/racismo-e-machismo-mantem-mulheres-negras-no-grupo-de-menores-salarios-do-pais>>. Acesso em: 5 nov. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. Rio de Janeiro (RJ): Diáspora Africana, 2018.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**. São Paulo (SP): Editora Elefante, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo (SP): Editora Polén, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo Negro?** Edição 1. São Paulo (SP): Editora Companhia das Letras, 2018.

VIEIRA, Camilla Gomes. EXPERIÊNCIAS DE SOLIDÃO DA MULHER NEGRA COMO REPERCUSSÃO DO RACISMO ESTRUTURAL BRASILEIRO. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 5, n. 10, p. 291-311, 12 mar. 2021.